

terão sempre, para os estudiosos de todos os tempos, o encanto de um mistério por desvendar, o atrativo de um enigma por decifrar, o sabor de um problema por resolver.

HILDA PENTEADO DE BARROS.

BOTELHO (Pero de). — **Da Filosofia**. 1. — **Tratado da Mente Grega**. Belo Horizonte. Candeia. 1949. 112 pp.

Quando há anos aqui esteve Leopoldo Zea, soube por êle que estava a estudar no México, um bolsheiro brasileiro. Estranhei o caso, pois, em geral, os nossos bolsheiros dirigem-se de preferências aos Estados Unidos e à Europa. Contara-me também Zea, que Pero de Botelho (era êsse o nome do bolsheiro) dedicava-se — o que era mais estranho ainda — à filosofia. Há dias, o Prof. Simões de Paula entregou-me, para que eu fizesse esta nota bibliográfica para a sua **Revista**, um livrinho de filosofia, de cento e tantas páginas, lindamente impresso (em geral os nossos livros são horivelmente impressos) na página de rosto do qual li um nome que me era conhecido, o de Pero de Botelho.

* * *

O livro de Pero de Botelho, **Tratado da Mente Grega**. — no qual é perceptível a influência de Werner Jaeger e dos professores espanhóis atualmente residentes no México — é, como o título indica, um estudo do pensamento grego. O Autor examina aí alguns dos temas fundamentais desse pensamento, como sejam: 1) o mito e a teoria; 2) a beleza criada — a arte; 3) a beleza meditada — estética ou poética (Platão e Aristóteles); 4) a mente grega e a filosofia. Nesse exame o Autor revela estreito contacto com as fontes gregas e com os seus melhores comentaristas e, mais do que isso, adequada formação filosófica. A linguagem do seu trabalho, porém, é pedregosa e, em alguns trechos, confusa e até feia (V. p. 40: “na arte o belo vira on, ente”; p. 68: “onto-logia do que só tem, se diz, valer, que é puro in-esse” (?); p. 83: “o seu goal está em algo que procura sempre”), para apenas citar alguns exemplos.

Não são poucos os espanholismos que se encontram neste trabalho. E poucos não são também, os curiosos neologismos filosóficos que o Autor forjou. A êste respeito acode-me à lembrança o que Miguel Torga escreve no vol. IV do seu **Diário** (pp. 96-97) acerca da nossa língua: “Língua de cavadores esta nossa, quanto mais se leva à bigorna, menos presta. (...) Sem qualquer experiência psicológica, não tendo até hoje feito nenhuma tentativa larga para abranger com meios próprios a técnica e a filosofia, é uma dor de coração vê-la tropeçar de incerteza e de pavor, à medida que a vida se complica e pede novas fórmulas. De vez em quando, um Garrett ou um Eça dão-lhe um esticão”. Mas, parece, êsses esticões não adiantam muito. São esticões destes que aparecem na obra de Pero de Botelho, mas alguns deles arrepiam... Afinal, eu não sou purista, nem gramático, nem filólogo para ocupar-me com estas coisas e estou talvez a dar a impressão de procurar querelas onde não há razão para isso. Se faço êstes reparos, é porque o livro ganharia em ser escrito em linguagem menos complicada. As idéias são interessantes,

a cultura é, evidentemente, boa. Por que então o Autor não procurou expressar-se com mais simplicidade, sem tantos preciosismos?...

Quanto ao intento filosófico, estou inteiramente de acordo com o Autor. Diz ele e com quantas carradas de razão — que “cada época enxerga e cada um vê na história da filosofia, no conjunto dos seus problemas e filosofemas, mais ou menos o que se lhes permitem os seus horizontes, reais ou imaginários, coletivos ou próximos. Por isso cada história da filosofia e cada pensar a filosofia em sua história deixa ver, de uma maneira ou de outra, sutil ou bruta, a **moldura do lugar e do tempo**, a interpretação que se tem mais ou menos à mão, um olhar intelectual que reflete as possibilidades de cada um. Daqui brota uma absoluta necessidade de leituras diretas e a fundo dos textos originais para garantirem a pureza, senão da visão, pelo menos da atitude” (p. 15). Já não o seguirei inteiramente quando afirma que “contrapontando a filosofia grega e a atual — por meio de citações e mormente pela referência precisa a determinados problemas — quis mostrar a sua confluência, temática e problemática, dada nos presentes dias: os temas e problemas colocados pelos gregos continuam temas e problemas vivos e atualíssimos, isto é, de máxima fecundidade presente, que ainda hoje fincam pontos de partida. Por exemplo: Heidegger e a questão do sentido de ser (sem existencialismos...); Ortega y Gasset e a idéia do transcurso metida no ser; Hartmann e o problema do conhecimento como questão do conhecimento, como questão fundamentalmente metafísica e a gnoseologia como metafísica, assunto central de alguns dos diálogos platônicos como o **Theaitetos** e o **Sofista**. **Novos mundos ao mundo irão mostrando!** poder-se-ia dizer do grego como de nenhum homem” (p. 16). E as razões que me levam a discordar, neste caso, do Autor, são precisamente aquelas que ele invoca na citação acima referida...

“A filosofia, parece, vai mal em nossa terra”, diz o Autor. Vai, vai! Vai precisamente porque há por aí muitos “inquilinos das nuvens”, perdidos nas variadas e abstrusas **problematicidades**; indivíduos aos quais, parece, Deus deu força demais para viverem como enigmas. Indivíduos outros que vivem apegados às sempre renovadas “gazuas” dos **ismos**; indivíduos que esquecem que a filosofia é reflexão, um “perene laborar de problemas”, indivíduos que esquecem também que a filosofia é um misto de “humildade e de soberbia, de precaução e de audácia”, mas que, sobretudo é “humildade e precaução”... E, se vai mal, não estará isso **quase** na natureza das coisas? Não é a filosofia, como diz o Autor, “moldura do lugar e do tempo”?...

* * *

O Autor no trabalho ao qual acabamos de fazer êstes ligeiros reparos, revela cultura histórica e filosófica e bastante acuidade para a problemática da filosofia. Naturalmente, em matéria como a que escolheu para o seu estudo, não poderia apresentar novidades. No entanto, o seu livro é sugestivo e, apesar de vasado numa linguagem um tanto complicada, é interessante. Esperamos que o Autor continui a nos dar novos trabalhos, que venham melhorar esta **nossa filosofia** que, como ele diz, “parece, vai mal”...

J. CRUZ COSTA.